

Querido António, eu queria muito "estar" mas o problema não é de todo fácil de resolver.

Faz tempo que não durmo o suficiente para poder estabelecer contacto contigo. Isto pede sono profundo e meteoros. É importante que continuemos a matar o tédio que este espetáculo global nos causa. Já não via isto desde o "Mundo de Aventuras" ou o "Condor Popular".

A vida cá continua, adornada a bolos de bacalhau, mais a ignomínia bélica dos patriotários, o canibalismo dos jogadores da bolsa e as estratégias insanas dos pais da terra. Esta gente não tem emenda.

Pediram-me um depoimento dedicado a ti e eu por aqui às voltas a visitar 30 anos de arquivos com as nossas cumplicidades: a "Artlife", "A ArsCombate" Tudo bem embrulhadinho num folhado a que tu chamavas ilHectografias e eu Copy-Art. Ilhectografia? SIM, que mais poderia chamar um ilhéu a algo que aí ganhou asa e substância? "Ilhectografia" madeirense em geral e a tua em particular não era omissa de poesia e discurso social. Solidário tu num jogo irónico que punha a nu a problemática dos mais frágeis, a luta de classes, sem nunca perderes o pé ou dares demasiado volume ao megafone.

Para nós, copy-art foi e será sempre garrafa de motim e poesia. Esse tempo foi nosso. Foi um tempo generoso onde a máquina era coautora, "defeito especial" tinha o mesmo peso que o efeito. E foi nisso que nos revelámos diferentes. Éramos o quotidiano, a parede musgada, o cesto de papéis, a arte resgatada ao eco-ponto. 30 anos. Foi há muito tempo. um dia retomamos a conversa.

Celebremos então o teu nome e um tempo que nos foi fértil. Tu... um mestre em paixão permanente.

até lá...

deixo-te o abraço de sempre

César Figueiredo